

## “O momento é perigoso para a inflação.”

(Bruno Serra, diretor do Banco Central)

Caro(a) cliente da Foster,

Em videoconferência realizada no começo da semana passada, o diretor do Banco Central, Bruno Serra, ressaltou o alto nível de incerteza em relação ao futuro da inflação no Brasil ao afirmar que não está claro como evoluirá o consumo de bens e serviços no país à medida que a vacinação permita a economia brasileira voltar à “normalidade”.

Em tese, a renda das famílias que foi deslocada para o consumo de bens durante toda a pandemia, principalmente em função do fechamento do setor de serviços, voltará a ser dirigida, em boa parte, ao consumo de serviços. Dessa forma, a alta dos preços de bens, impulsionada em parte por esse aumento do consumo, deverá perder fôlego, enquanto os preços de serviços deverão ser pressionados até que a oferta de serviços seja integralmente restaurada.

No entanto, não se pode minimizar o risco de que ocorra, durante um período relevante, uma combinação entre as pressões ainda fortes sobre os preços de bens - causadas pela alta das commodities e pelos gargalos nas cadeias produtivas - e as pressões crescentes sobre os preços de serviços, o que levaria a inflação a uma trajetória mais incômoda e preocupante. Esta é, provavelmente, a principal fonte de apreensão vivida por dirigentes de diversos bancos centrais ao redor do mundo neste momento.

De fato, a inflação está subindo na grande maioria dos países, e em alguns deles, o ritmo de elevação tem sido surpreendentemente forte. Nos EUA, por exemplo, a alta da inflação ao consumidor foi maior do que o esperado nos últimos meses. Embora parte expressiva desta alta esteja relacionada ao aumento dos preços de veículos usados - fenômeno causado pela falta de insumos eletrônicos que tem impedido a indústria automobilística de atender a demanda por veículos novos - ela também é resultante da elevação concomitante da inflação de bens não-duráveis e da inflação de serviços.

O Presidente do Banco Central americano (Fed), Jerome Powell, tem afirmado em todos os seus discursos públicos que o Fed estará "preparado para ajustar a política monetária se aparecerem sinais de que a inflação ou as expectativas de inflação no longo prazo caminhem persistentemente para níveis acima da meta", muito embora permaneça confiante no cenário de aceleração transitória da inflação no país.

No Brasil, as projeções para a inflação no curto prazo continuam a ser revistas para cima, principalmente por conta de preços regulados, como energia elétrica e gasolina. Em paralelo, a inflação de serviços também está começando a acelerar, e com o avanço mais rápido da vacinação no terceiro trimestre esse movimento pode ganhar fôlego.

Essa conjuntura mais arisca para a inflação deve resultar em uma sugestão de maior alocação em títulos bancários que possuam uma remuneração ligada a variação do IPCA por parte do time de assessoria da Foster. Começamos a ver produtos bancários com garantia do FGC pagando taxas de juros reais acima de 5,0% a.a. mais a inflação do período. Nessa conjuntura faz sentido pensar em acrescentar no seu portfólio tais produtos desde que você esteja confortável em “carregar” esse investimento até o seu vencimento.

Quando se mudam os fatos, devemos mudar a estratégia em nossos investimentos.

Um grande abraço,

**Equipe Foster**